

PATTI SMITH

# Devoção

*Tradução*

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Patti Smith  
Copyright de “Escrito num trem” © 2018 by Patti Smith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Devotion

*Capa*

Fabio Uehara

*Foto de capa*

David Gahr/Getty Images

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Renata Lopes Del Nero, Adriana Moreira Porto e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Smith, Patti

Devoção / Patti Smith ; tradução Caetano W. Galindo. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original : Devotion.  
ISBN 978-85-359-3276-8

1. Criação (Literária, artística etc.) 2. Smith, Patti, 1946-  
I. Título.

19-29276

CDD-801.92

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Criação literária

801.92

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Betsy Lerner —  
minha amiga e minha guia*

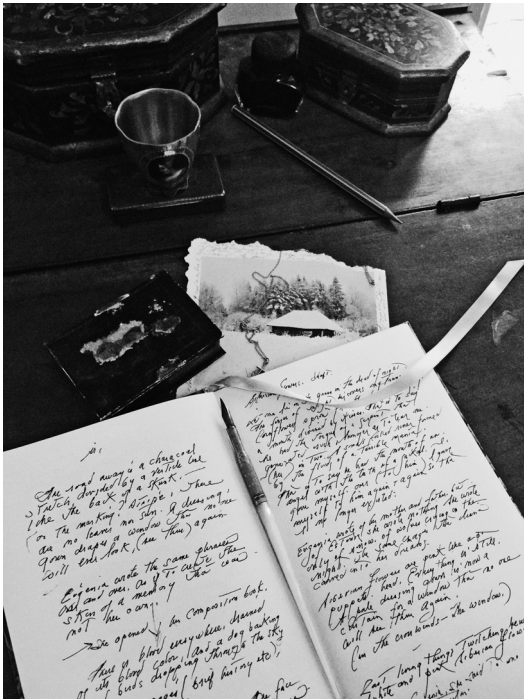
# Sumário

- Como a mente funciona, 11  
Devoção, 49  
Um sonho não é um sonho, 115  
Escrito num trem, 129

*A inspiração é a incógnita da equação, a musa que assola na hora oculta. As setas voam e não se percebe o impacto, nem se percebe que todo um elenco de catalisadores, uns independentes dos outros, reuniu-se de modo clandestino para formar um sistema singular, dissolvendo o indivíduo com as vibrações de uma doença incurável — ao mesmo tempo profana e divina.*

*O que se há de fazer com os impulsos então gerados, com essas terminações nervosas que cintilam como um mapa iluminado de constelações desonestas? As estrelas pulsam. A musa busca ganhar vida. Mas a mente é também musa. Busca ser mais inteligente que seus gloriosos oponentes, reestruturar tais forças de inspiração. Um riacho de cristal que súbito seca. Uma coisa de beleza, exânime, conspurcada. Por que o criador retorce o drama todo? A pena se ergue, guiada pela musa estilhaçada. Sem dissonância, ela registra, não se percebe a harmonia, sem dissonância ela continua, Abel se dissolve em não mais que um pastor esquecido.*

COMO A MENTE FUNCIONA



Mesa de trabalho, Nova York.

## 1.

De algum jeito, procurando outra coisa, dei com o trailer de um filme chamado *Risttuules*, traduzido como *Na ventania*. É o réquiem de Martti Helde para os milhares de estonianos deportados em massa para fazendas coletivas na Sibéria na primavera de 1941, quando os soldados de Stálin os capturaram, separaram suas famílias e os tocaram para vagões de gado. Morte e exílio, seu destino reescrito.

O cineasta criou um poema visual através de uma dramatização inédita, com atores percorrendo um cenário de quadros humanos imóveis. O tempo fica suspenso, mas ainda corre acelerado, espalhando imagens na forma de palavras arrancadas desse triste desfile. Um presente terrível, eu reconheço enquanto escrevo, fazendo força para verter as palavras. Mesmo assim, sinto que por trás delas algo mais se prepara. Sigo uma linha mental e encontro uma floresta de coníferas, um lago e uma casinha de tábuas. Era o começo de alguma outra coisa, mas naquele momento eu não sabia.



*Uma cena de inverno. Logo na outra trilha. Um roupão azul é a cortina de uma janela pela qual ninguém mais há de olhar. Há sangue por toda parte, privado de sua cor de sangue, um cão que ladra, estrelas que caem por céus lívidos.*

*Um bezerro à beira da morte. Lasca no casco — manchas, furos. Cai a noite, obscurecendo a perna agitada da última coisa viva.*

*Uma cena bem a tempo. Engrenagens, pequenas mãos suspensas no gelo. Pássaros não mais curiosos deixam de bater asas. A dança está encerrada e o rosto do amor é somente a saia larga e os saltos lustrosos dos sapatos do inverno.*

De manhã acordo com os dioramas em preto e branco de *Risttuules* ainda na cabeça, o ritmo tenso da ópera humana encarnada em estátuas recurvadas e respirantes. Tão arrebatada por seu poder expressivo que não consigo lembrar o objetivo de minha busca original. Fico ali deitada relembando uma panorâmica lenta da corrente humana proscrita que percorre um vendaval incessante de pétalas brancas. Crisântemos. Sim! Ramos de crisântemos e a des-

graçada fileira da vida passando num borrão. No entanto, voltando ao mesmo trecho do filme que eu tinha visto antes, não encontro essa cena. Será que sem querer eu criei essa projeção? Deixo de lado o computador e lanço minha sentença ao gesso irregular do teto: saqueamos, adotamos, não sabemos. Levanto para urinar. Imagino neve.

Tendo ainda fresca nos ouvidos a voz delicada de Erna, a narradora feminina de *Risttuules*, eu me visto, pego o caderno e um exemplar de *Accident Nocturne*, de Patrick Modiano, e vou até a cafeteria do bairro. Operários trabalham com britadeiras na rua, suas vibrações ensurdecedoras atravessam as paredes da cafeteria. Sem conseguir escrever, eu leio, passeando pela rede do *Accident* — ruas incertas, fragmentos de endereços, rotas ora irrelevantes e eventos que formam um círculo de nada. Lamento não escrever, mas percebo que me perder no vibrante torpor do universo de Modiano é quase como escrever. Você penetra na pele do narrador com sua pálida noção de paranoia e preocupação com minúcias, e o espaço em volta se altera. Inevitavelmente, bem no meio de alguma frase, eu me vejo pegando a caneta.

Chegando ao final do *Accident*, ainda que não seja bem um fim, já que vapores de um futuro invadem a última página, eu releio o começo e depois antevejo o dia que me aguarda. Vou pegar o último voo para Paris. Meu editor francês organizou uma semana de eventos literários que incluem conversas com jornalistas sobre escrita. Meu caderno permanece intocado. Uma escritora que não escreve preparando-se para ir falar com jornalistas sobre escrita. Que sabichona, eu me repreendo. Tomo outro café preto, com uma tigelinha de amoras. Há tempo de sobra e eu viajo com pouca bagagem.

Com a rua em obras, eu me vejo obrigada a esperar para atravessá-la e voltar para casa, enquanto um guindaste gigante içava vigas metálicas de sustentação vários andares acima da cafeteria, evocando em minha mente a cena de abertura de *A doce vida*, em que um helicóptero transporta uma imagem de Cristo em tamanho real sobre os telhados urbanos de Roma.

Pego as coisas que sempre levo quando viajo e deixo tudo empilhado perto da minha pequena mala enquanto ouço novamente a voz do trailer. A cadência de uma língua desconhecida sugere a

propagação das melodias mais tristes. Enquanto os soldados se adiantam, uma jovem mãe estende roupa e protege os olhos do sol. Seu marido separa o joio do trigo, sua filha brinca feliz. Intrigada, procuro um pouco mais e descubro um trecho de seis minutos de *Risttuules* intitulado *A carta da bétula*. A tomada de uma janela aberta, imagens de branca e de bétulas emergindo de frases sussurradas, um trem, o vento, o vazio.

O telefone toca, quebrando o encanto, meu voo cancelado. Tenho que pegar um mais cedo. Rapidamente troco de marcha, chamo um táxi, enfio o computador na capa protetora, a câmera num saco, e meto o resto na mala. O táxi chega rápido demais, e me dou conta de que ainda não escolhi os livros que vou levar. A ideia de embarcar num avião sem um livro produz uma onda de pânico. O livro certo pode servir como uma espécie de docente, dando o tom ou até alterando o rumo de uma viagem. Desesperada, percorro a sala com os olhos, como se em busca de uma tábua de salvação num pântano profundo. Numa pequena pilha de livros por ler em cima do meu arquivo, estão o ensaio de Francine du Plessix Gray sobre Simone Weil e *Un pedigree*, de Modiano, com o aturdido

rosto do autor na capa. Pego os dois, me despeço do meu gatinho abissínio e rumo para o aeroporto.

Por sorte o trânsito está leve quando entramos no Holland Tunnel. Aliviada, mergulho novamente na voz de Erna. Me imagino escrevendo um conto guiada pela atmosfera que a ressonância de uma determinada voz humana evoca. A voz dela. Sem uma trama em mente, apenas rastreando os tons da voz, seus timbres, e compondo frases, como que música, e sobrepondo essas frases, camadas transparentes, às dela.

*E o rosto do amor é apenas o branco do inverno cobrindo os galhos de árvores caídas buracos abaixo, céus sem cor.*

Corro pelo terminal, chego com folga a tempo de pegar o avião, mas ainda assim meio abalada. Não tenho a menor esperança de pegar no sono assim tão cedo, sem falar que o meu quarto no hotel só vai ficar pronto horas depois de eu chegar. Mesmo assim eu me acomodo, bebo água mineral e me deixo afundar no livro de uma vida, uma lascarca de Simone Weil. O livro escolhido às pressas iria se provar mais do que útil, e sua biografada, modelo admirável de uma imensidão de atitudes mentais. Brilhante e privilegiada, ela percorreu os

grandes salões da mais elevada erudição, abdicando de tudo para embarcar num caminho difícil de revolução, revelação, serviço público e sacrifício. Até ali eu não tinha dedicado tempo ou atenção a ela, mas isso certamente iria mudar. Fechando os olhos, contemplo a ponta de uma geleira e mergulho lentamente numa fonte íntima de água quente cercada por muralhas de um gelo impenetrável.



*Igreja de Saint-Germain-des-Prés.*